



Desenho e Cidade

DESENHO, DIVERSIDADE CULTURAL E O ESTUDO DAS CIDADES

DESIGN, CULTURAL DIVERSITY AND THE STUDY OF CITIES

Jamilson Oliveira de Sousa¹

Resumo: Serão abordadas neste texto as definições de cultura e diversidade cultural para entender as relações entre as pessoas e os espaços, e seus possíveis usos e dimensões funcionais e estéticas; o desenho nos contextos das sociedades, em que serão apresentadas informações sobre a cultura e as ciências que podem encontrar no Desenho uma importante metodologia de estudo; mencionar-se-á aqui também o Desenho em espaços públicos das cidades, no qual será pontuado questões sobre os não-lugares e os usos destes; sobre cultura, desenvolvimento e diversidade, e as relações que envolvem estas áreas de estudo; e por meio do tópico: o desenho como ferramenta de estudo das cidades, tendo como base a apresentação do caso da disciplina de desenho de observação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia e o grupo Urban Sketchers Salvador, pensa-se, por fim, neste trabalho, a finalidade do Desenho enquanto procedimento metodológico e ferramenta de estudo das cidades.

Palavras-chave: Desenho. Cultura. Diversidade. Cidades.

Abstract: This text will address the definitions of culture and cultural diversity to understand the relationships between people and spaces, and their possible uses and functional and aesthetic dimensions; drawing in the contexts of societies, in which information about culture and sciences will be presented, which can find in Drawing an important study methodology; Here, we will also mention Design in public spaces in cities, in which questions about non-places and their uses will be punctuated; about culture, development and diversity, and the relationships involving these areas of study; and through the topic: drawing as a tool for the study of cities, based on the presentation of the case of the discipline of observational drawing of the Faculty of Architecture and Urbanism of the Federal University of Bahia and the Urban Sketchers Salvador group, it is thought, finally, in this work, the purpose of Drawing as a methodological procedure and tool for the study of cit

.Keywords: Design. Culture. Diversity. Cities.

1 INTRODUÇÃO

Para pensarmos o espaço urbano na contemporaneidade é necessário fazermos uma reflexão sobre as questões objetivas e subjetivas, que envolvem os objetos/paisagens que compõem as cidades, para isso formularemos neste texto um pensamento que apresenta o Desenho como elemento de importante papel no pensar as relações cognitivas que envolvem as cidades.

¹ Mestrando em Desenho, Cultura e Interatividade- UEFS. E-mail: jamilsonfiks@hotmail.com

O Desenho enquanto cognição promove nos indivíduos a realização de análises sobre os possíveis usos das cidades e dos seus objetos/paisagens, além de ser uma necessidade aos estudantes e profissionais das artes, arquitetura, urbanismo, design, decoração, etc.

Com base em conceitos antropológicos em estudos na área do Desenho, da cultura, da diversidade cultural e do desenvolvimento é traçado neste texto um percurso que perpassa por conceitos relacionados, em princípio aos estudos da cultura e suas definições, estas que nos levam a pensar a cultura como necessária e difusa, assim gerando a diversidade cultural; e a relação do Desenho que materializa e organiza esta cultura.

A diversidade cultural caminha junto ao desenvolvimento, chegando ela a ser responsável por tal acontecimento, os quais desencadeiam uma série de fenômenos de ordem política, econômica, educacional, etc., no contexto das sociedades.

O papel da cultura como promotora do desenvolvimento e a contribuição da diversidade e dos diálogos interculturais para a construção e desenvolvimento de políticas culturais em esfera glocal, podem ser interpretados e redesenhados por meio da apreensão do Desenho enquanto procedimento metodológico.

O processo de leitura do espaço urbano por meio do Desenho pode ser utilizado por estudos interdisciplinares que fundamentam os mais diversos campos de conhecimentos. Neste artigo, busca-se por meio de um relato de caso, demonstrar o quanto é importante o uso do Desenho enquanto metodologia de estudo da cidade, podendo este método, o Desenho, ser utilizado sozinho ou associados a outras metodologias, como por exemplo, a etnografia, para se coletar dados das sociedades e assim se produzir conhecimentos em ciências sociais.

2 O DESENHO NO CONTEXTO DAS SOCIEDADES

O Desenho está presente nos segmentos sociais com representações gráficas e construtivas, do ponto de vista da materialidade, das mais variadas formas e possui uma intrínseca relação com os hábitos da vida cotidiana das cidades. Desde os primórdios da humanidade o Desenho marca presença como registro das memórias dos povos e com as mais variadas funções, que vão da representação das cerimônias e rituais de caça, passa pela organização do espaço geográfico por meio de mapas, e chega aos aspectos decorativos dos utensílios, em diversas sociedades pelo mundo ao longo da história.

A cultura tem sua presença marcada em vários campos da vida social, sendo esta, plural e diversa, Barros (2008, p. 15) diz que parte-se da perspectiva de que a relação entre cultura, diversidade e desenvolvimento não se pode ser encarada como uma questão imediata, linear e natural. Como a

cultura é uma construção coletiva da sociedade, há diversidade nos aspectos biológicos, sociais, políticos, culturais, econômicos e nas mais variadas formas de manifestação dos componentes desenvolvimentistas de um determinado povo. Neste sentido, podemos pensar a cultura como um elemento construído pela diversidade no qual o Desenho presente nas esferas materiais e cognitivas moldam e atribui formas as sociedades, quanto mais formas no mundo visível, mais diversas são as bases da cultura desses povos. Tais manifestações da diversidade podem ser evidenciadas nos artefatos, nas construções arquitetônicas, nas obras de arte, nos utensílios, etc.

Por uma possível compreensão do termo cultura e na perspectiva de proporcionar uma linha de raciocínio acerca de questionamentos sobre o grau da intensidade em que a diversidade cultural pode fornecer elementos, que de alguma maneira, venham potencializar o desenvolvimento em escala glocal, onde os valores culturais locais e globais dialoguem, e de se pensar nesta diversidade cultural, assim como nos diálogos interculturais numa perspectiva em que estes possam contribuir para a construção e desenvolvimento de uma política cultural, tomemos as definições antropológicas do termo cultura presente no dicionário MICHAELIS, no qual estabelece este termo como: 7) Conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrão de comportamento, adquiridos e transmitidos, que caracterizam um grupo social; 8) Conjunto de conhecimentos adquiridos como experiências e instrução que levam ao desenvolvimento intelectual e ao aprimoramento espiritual, instrução, sabedoria, e; 9) requinte de hábitos e conduta, bem como apreciação crítica apurada.

Seja na arquitetura dos espaços modificados pelo homem ou nos ambientes moldados pela natureza, existem padrões relativos a forma que as coisas assumem e que em muitos aspectos podem ser interpretadas ou até mesmo planejadas a partir da compreensão do desenho dessas formas, pois “os contextos diferenciados dão, portanto, significados e juízo diversos as imagens”. (PAIVA, 2002, p. 31). A forma como o Desenho presente nas cidades contribuem para o seu desenvolvimento está diretamente associado aos contextos em que são inscritos e para isso uma série de fatores são levados em consideração no planejamento destes desenhos. É importante lembrar que a cultura é parte determinante deste contexto. Assim como os aspectos climáticos, a cultura determina os tipos de objetos necessários, os materiais em que estes objetos são produzidos e sua possível efetividade de uso, pois para que se crie um desenho de um objeto para compor uma paisagem numa cidade é preciso que haja uma determinada finalidade, que tanto pode ser em sua dimensão utilitária, quanto em sua dimensão estética, e ainda um misto destas duas dimensões.

Pensando na cultura como o conhecimento, as crenças, as artes, os costumes e todos os outros hábitos adquiridos pelo homem ao longo da sua vida e da história, conforme a definição 7) do

dicionário MICAELIS acima mencionado, é importante lembrar os meios em que se manifestam tais hábitos, nesse ponto se faz presente o Desenho, e as imagens que fornecem informações para que existas a linguagem que permitam tais fenômenos perceptivos e sociais por meio do Desenho e da cultura. Pois, é preciso que lancemos mão de uma série de conhecimentos, que dialoguem entre si, para que o desenvolvimento das cidades e de seus indivíduos ocorra.

Artes visuais, arquitetura, ciências das saúdes, ciências exatas, ciências sociais, e tantas outras possibilidades de interpretação do mundo, chega aos indivíduos através das imagens, gráficas, projetadas, imaginadas e apreendidas, que dão a cultura aspectos substanciais que tornam possíveis os estudos destas áreas e colaboraram para o desenvolvimento das sociedades ao longo do tempo. Um outro aliado ao estudo do Desenho e das cidades são os estudos etnográficos, o qual se dá por meio de apreensões interdisciplinares e que busca compreender o papel do desenho das organizações das sociedades e da diversidade cultural para o desenvolvimento das cidades. Logo, “esboçar uma teoria etnográfica, não é limitar-se a esse ou aquele contexto particular, deixando de lado níveis supostamente mais gerais”. (GOLDMAN, 2006, p. 171). E assim como a etnografia é baseada na pesquisa de campo e nas anotações, para uma análise por meio do estudo descritivo das diversas etnias, o desenho de croqui urbano permite aos seus praticantes, uma análise dos aspectos materiais e construtivo das cidades, assim como também das características antropológicas e sociais que construíram determinada cidade estudada.

3 O DESENHO E OS ESPAÇOS PÚBLICOS NAS CIDADES

A arquitetura, o urbanismo, a engenharia, o design e a decoração são, dentre tantos outros, elementos possíveis de se pensar as relações latentes entre o Desenho e as cidades, são instrumentos de promoção do desenvolvimento das cidades, e com esses campos de estudos podemos planejar e executar as ações e construções, materiais e simbólicas, que proporcionam aos cidadãos melhorias na qualidade de vida em diversos aspectos, numa proposta de se atender necessidades sociais por meio de elementos materiais que compõem o espaço.

O planejamento de uma cidade passa por questões abordadas pelos arquitetos e urbanistas por meio da física do conforto e por questões ergonômicas, a arquitetura utiliza do Desenho como ferramenta de expressão e método de análise e estudo do projeto arquitetônico e urbanístico numa ampla escala, cada paisagem ou ambiente é pensado para atender questões estéticas, funcionais e de conforto, assim como ergonomia e sustentabilidade são criteriosamente estudadas para que haja uma boa implantação ou intervenção do projeto arquitetônico, as questões estéticas também são

fundamentais, pois contam sobre a história e a cultura da cidade. Estilos arquitetônicos presente nas fachadas, mobiliários de uso coletivo, pavimentação das ruas, saneamento básico e rede elétrica/internet, entre outras informações presente no Desenho das cidades, contam a história da evolução e do desenvolvimento da sociedade que nela habita.

Os ambientes urbanos, como praças, jardins, ponto de ônibus, são espaços que devem apresentar características ergonômicas e de conforto ambiental adequadas às interações exigidas de cada lugar, essas características estão diretamente relacionadas com a qualidade e o tipo de materiais utilizados nessas construções, assim como o estudo da forma e de medidas adequadas a cada funcionalidade, por exemplo, uma praça, lugar onde a interação pública e a ação de compartilhar o privado acontecem, deve ser projetada para além de oferecer a possibilidade de circulação.

Estes lugares de passagem ou de curta permanência onde não se estabelecem sentimentos de pertencimento, mas configuram-se pela interação efêmera do espaço, Marc Augé chama de não-lugares e nos informa que “o não-lugar é o contrário da utopia: ele existe e não abriga nenhuma sociedade orgânica”. (AUGÉ, 1994, p. 102). Contudo, estes não lugares precisam ser planejados para que o curto espaço de uso das suas instalações sejam o mais adequado, funcional e confortável na dimensão ergonômica e visualmente atraente e acolhedor em sua dimensão estética, todas estas questões passam pelo Desenho destes espaços públicos, que podem ser compostos por uma diversidade de metodologias de confecção e análise do croqui urbano.

Duas das metodologias possíveis são: 1) na concepção do projeto, em que o objeto/paisagem não existe no plano material, e é concebido pelos esboços dos croquis para o estudo de projeto do espaço; e 2) no exercício de análise do espaço já existente, que se dá na prática do croqui das edificações/paisagens, em que se observa o espaço e desenha no papel e outros suportes, para representar as formas, a composição, a textura, entre outras informações possíveis de se observar no espaço construído. Nestas metodologias é possível perceber aspectos culturais que envolvem o objeto/paisagem e conseqüentemente entender sobre a história da sociedade de determinada cidade e suas narrativas por meio do Desenho da cidade.

Qualidade ergonômica, conforto e resistência às ações climáticas ao longo do tempo, são ensaios técnicos esperados para os assentos e mesas, pistas de corrida, skate e ciclismo, parques infantis e academias de rua, onde ocorrem as práticas esportivas, encontros familiares e os jogos como carreado e dominó, etc. Segundo esses mesmos ensaios técnicos, alturas e formas adequadas seguem as normas técnicas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas, e primam pela qualidade do uso destes espaços e vida útil dos equipamentos, objetos/paisagens.

Em sua concepção desde o desenho de projeto até sua construção física, os pontos de ônibus devem ser abrigos que protejam seus usuários não apenas das chuvas verticais, mas também das chamadas chuvas de “açóite”, e seu teto além de apresentar qualidades de proteção dessas chuvas devem permitir a iluminação e o sombreamento ao mesmo tempo, eis então uma questão complexa. Estes não-lugares em muitas situações são espaços de longa espera pelo transporte público e quase sempre são ocupados por uma quantidade grande de pessoas, esses fatores acabam por deixar a população que utiliza estes espaços exposta a muitas ações climáticas, surgem, também, outros grandes dilemas para os urbanistas e paisagistas da cidade, como construir praças e pontos de ônibus otimizando fatores físicos e climáticos para uma cidade e que garantam a proteção climática adequada? Como oferecer acessibilidade e conforto para que a diversidade seja contemplada no uso destes equipamentos? Como criar uma estética que dialogue com a proposta paisagística da cidade? Cada cidade tem suas próprias demandas, cada cidade tem sua dinâmica e com o estudo do Desenho e da cultura destas cidades é possível chegar a hipóteses de projetos democráticos de acessibilidade que contemple tal diversidade.

Essas questões que os desenhistas das cidades, quer seja na concepção do Desenho enquanto projeto e planejamento originário pelo exercício da imaginação, quer seja na expressão gráfica que estuda a forma e constrói os objetos/paisagens da cidade, devem pensar, levando em conta a noção da coexistência de culturas diversas, tanto para garantir a mobilidade dos passantes por estes não-lugares, quanto dos que os utilizam por um tempo maior, para interação social: (evangélicos, moradores de rua, passantes), profissional: (profissionais de serviços diversos, vendedores informais, militares, etc.), de promoção a saúde e lazer: (socorristas, aferidores de pressão, músicos, animadores) e , etc.

Pensando o termo diversidade, associamos este com a ideia de pluralidade, multiplicidade, distintos modos de percepção e comportamento. Em primeiro momento, convivência de ideias, características ou variedade, ou seja, elementos diferentes entre si, em determinados assuntos, situações ou ambientes.

É possível que se pense a noção de diversidade nas inúmeras ofertas que determinadas empresas fazem de seus produtos, ou na quantidade de letras quem compõem um texto. Pensemos aqui, diversidade dentro de uma compreensão que possibilite analisar os símbolos e significados, parte de seus sistemas de comunicação em suas representações culturais. Pensemos agora numa holística a partir do conceito de diversidade cultural, em que o conjunto de conhecimentos, costumes,

crenças, padrões de comportamentos, adquiridos e transmitidos, que caracterizam um grupo social são presentes em pluralidade, em multiplicidade e apresenta características variadas.

A noção de diversidade cultural possibilita a interação e troca de elementos, como nos diz Bandeira (1995), a cultura ao mesmo tempo em que é produção social, produz a sociedade, construindo um plano independente da vida social, com sua própria dinâmica, envolvendo seus próprios mecanismos de comunicação e de transmissão. Percebemos então, a partir desta perspectiva, que a cultura passa a ser observada em casos em que ela é utilizada como ferramenta de poder, o que de modo direto contribui consideravelmente para a o acúmulo de capital de determinada localidade, nesta perspectiva, o capital, para as sociedades capitalistas, é a base do desenvolvimento, a exemplo de países europeus e norte-americanos, onde a cultura econômica é mais forte, contribuindo também para a formação das classes sociais. Pensar os usos dos não-lugares é também contemplar o pensamento de classes, Marx (1937) diz que as ideias dominantes de uma época são sempre as ideias da classe dominante. A tensão entre as classes também pode ser percebidas nos desenhos das cidades e contribuem com as questões culturais até aqui mencionadas

O termo cultura de modo hipotético traz consigo uma noção de diversidade, esta que potencializa o desenvolvimento econômico, assim como tende a beneficiar toda a sociedade a qual a classe dominante exerce seu poder pela cultura e pelas forças econômicas e desenvolvimentistas destas culturas das elites.

No Brasil, em especial no campo da educação, numa holística cultural, Gomes (2008) nos diz que do que do ponto de vista cultural, a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. E como exemplo de estabelecimento de poder através da cultura como elemento de dominação, é de toda justiça dar importância a participação dos povos negros escravizados e dos afrodescendentes no Brasil. A mão de obra que construiu às cidades, pavimentou as ruas e materializou os espaços das públicos e privados foi a mão de obra das classes econômicas menos favorecidas, estes tornaram viáveis os projetos da elite intelectualizada que pensaram a cidade para atender, desde a colonização do Brasil em 1500, as necessidades de uma elite, este pensamento foi recorrente por muito tempo, e apenas com o passar dos séculos, foi se criando movimentos de resistências que vem ocupando os espaços de reflexão para a construção das cidades cada vez mais pensando nas perspectivas das diversidades.

Segundo Gomes (2008) em relação a presença da população negra/afro-brasileira no complexo leque da diversidade cultural deste país, as diversas formas por meio das quais esse grupo étnico- racial constrói sua identidade, o contexto do racismo da sociedade brasileira, é o que nos

proporciona a ideia de causa das construções das relações de poder, tendo, tanto a cultura como fundamento maior a construção de uma identidade tanto étnico racial, quanto de classe, que fortalece as ações que envolvem o pensar e o Desenhar da cidade contemporânea.

O Desenho que compõe o cenário dessas diversas estruturas, na perspectiva da urbanização proporciona o entendimento e funcionamento dessas sociedades e suas estruturas de poder, as sinalizações verticais e horizontais das vias públicas apontam para um uso progressivamente mais harmônico dos espaços públicos das cidades, semáforos, placas de sinalização apontando para a travessia de pedestres, escolas e prioridade para deficientes físicos, assim como faixas de pedestres e ciclovias são apenas alguns dos ganhos, sociais no campo do Desenho, da urbanização e sobretudo da diversidade cultural, que as sociedades contemporâneas tem se proposto na democratização do uso dos espaços públicos .

Os desenhos de praças e jardins, assim como faixas exclusivas para ônibus também apontam para o pensamento/projeto/Desenho da cidade na perspectiva da diversidade, pois, além das soluções de distribuição do tráfego dos veículos em geral se abordam, por meio da relação entre Desenho e cidades, soluções para a convivência da população, pensamento da diversidade e promoção da qualidade de vida, a exemplo da utilização de normas técnicas para a realização dos projetos a fim de atender requisitos de conforto e ergonomia, além de questões estéticas que compõem o cenário das cidades.

4 O DESENHO COMO FERRAMENTA DE ESTUDO

Cada vez mais, vão se descobrindo metodologias de abordagem das questões sociais através do Desenho. No processo de cognição e aprendizagem dos estudantes dos cursos de arquitetura, o desenho das cidades é apresentado por meio da interdisciplinaridade contida no croqui urbano, ou desenho de observação. Neste os estudantes saem as ruas para desenhar as cidades e perceberem por meio do Desenho informações sobre a história e a cultura de determinada sociedade através de sua configuração arquitetônica e urbanística.

Massironi (1982) nos fala que é preciso saber quando usar o ênfase e a exclusão, dada a necessidade da representação que o desenho exerce, no caso do desenho de observação de arquitetura e urbanismo, feito pelos estudantes como exercício de cognição e aquisição de conhecimento sobre os conteúdos referentes aos objetos/paisagens urbanas, há uma tendência em enfatizar as estruturas físicas, os objetos e demais elementos do cenário, e excluir as figuras humanas, os animais ou os colocarem em menor evidência para que o desenho cumpra a função de representação gráfica do

espaço urbano, revelando materiais, formas e estilos próprios, entretanto, mesmo não desenhando as pessoas com fidelidade aos aspectos reais, nos desenhos de croqui urbano, é possível entender, por meio do ato de desenhar, o funcionamento das estruturas sociais e as relações de uso do espaço desenhado e os possíveis processos de interações culturais.

Ao se desenhar um ponto de ônibus é possível perceber, por exemplo, as condições climáticas predominantes na cidade, a preocupação do poder público em cuidar dos usuários deste meio de transporte, da preocupação e do nível de discussão sobre acessibilidade em que a cidade se encontra, da preocupação com o meio ambiente em relação aos materiais utilizados, dentre outras informações que aparecem em denotação a leitura de um desenho de croqui urbano.

Tanto nas aulas de desenho de observação dos estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFBA², quanto nos encontros do grupo Urban Sketchers Salvador, em que o croqui urbano é a principal ferramenta metodológica de estudo do espaço urbano, há uma aquisição cognitiva no sentido de apreensão, das histórias sobre as construções arquitetônicas, dos materiais que cada construção soergue, do estilo arquitetônico e urbanístico, e de questões políticas e sociais que acompanham a visita empírica em espaços urbanos da cidade de Salvador.

O ambiente urbano, neste caso, da cidade de Salvador, oferece uma imensidão de possibilidades de representação. Há nos croquis urbanos realizado pelo grupo Urban Sketchers uma seleção de localidades a serem representadas, esta escolha é quase sempre por localidades históricas e com um conjunto arquitetônico ordenado, quase sempre localizados no centro da cidade, onde há uma possibilidade de percepção mais acentuada das linhas de perspectiva no espaço urbano, facilitando o estudo do desenho do espaço e conseqüentemente a sua representação gráfica:

Qualquer objecto é um reservatório inexaurível de possibilidades expressivas e de traços qualificativos, físicos, dimensionais, de referência, etc. A representação gráfica revela só alguns elementos desse reservatório e só esses são utilizados na comunicação. (MASIRONE, 1982, p. 92).

O croqui urbano, enquanto processo metodológico de cognição em desenho, auxilia no entendimento desse espaço desenhado e ajuda também os estudantes na interpretação das intertextualidades encontradas na relação entre Desenho e diversidade cultural presente nas cidades.

Ao desenhar determinado espaço urbano da cidade de Salvador o estudante entra em contato com a história da cidade, aprende sobre as fachadas das residências e suas histórias contadas pelas

² Universidade Federal da Bahia

narrativas arquitetônicas e pela cultura popular. A exemplo dos beirais das casas coloniais e do *ditado popular* “sem eira nem beira”, este que refere-se ao poder aquisitivo das famílias da época, em que a construção dos beirais significava maior poder econômico conforme a escala: a eira enquanto um terreno de chão batido, a beira como o próprio beiral da parte da fachada que compreende o telhado e a tribeira como o prolongamento desta parte da fachada, ou como o telhado triplo.

Muitas histórias possuem natureza narrativa com registro apenas na tradição oral da cultura popular, outras são contempladas pelas ciências, como por exemplo, na narrativa de outro *ditado popular* quando se refere a algo mal feito dizendo que é “feito nas coxas”; este ditado se refere as telhas que cobrem as edificações coloniais, em que estas telhas eram feitas pelos escravos e usando as coxas como moldes, como o formato das pernas dos escravos eram diferentes as telhas saíam com tamanhos e formatos diferentes, o que ocasionava a infiltração da chuva nos telhados dos casarões coloniais.

Há também informações sobre a construção de edificações e fortalezas coloniais a partir da mistura de agregado com argamassa a base de óleo de baleia, além da apreciação dos azulejos portugueses, pedras cabeça de nego, a história do galpão do mercado modelo e da escola dos jesuítas que hoje se encontra o Museu Afro-brasileiro e tantas outras histórias que são possíveis conhecer no fazer etnográfico em Desenho por meio do croqui urbano, desenhando a cidade de Salvador. Nestes aspectos o desenho urbano aparece também como uma categoria do Desenho da cultura, pois é possível se estudar as relações culturais por meio do desenho do espaço, objetos, construções e paisagens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Desenho pode ser entendido como um importante processo metodológico de entendimento da diversidade cultural das cidades e também ajuda a tornar a cidade um lugar de convivência democrática, é por meio da análise e reflexão do desenhador que se desenvolve importantes exercícios de pensar os objetos/paisagens e seus usos na cidade.

Contudo, reforça-se neste texto a adoção do Desenho da cidade enquanto metodologia de estudo da paisagem urbana e enquanto forma de apreensão das relações de poder, e diversidade cultural, que promovem o desenvolvimento das cidades.

O desenho feito pelos estudantes de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal da Bahia e dos participantes do Urban Sketchers Salvador ajudam a pensar o espaço público para melhor atender as necessidades de usos, levando em consideração a acessibilidade, a ergonomia e a estética.

Em síntese, o Desenho e a representação gráfica das cidade contribuem para a construção de novos modelos de sociedades, estas, cada vez mais diversas, agradáveis e democráticas, com fortes poderes de crítica social e coautoras das suas interações.

Com o Desenho dos estudos das cidades é possível que haja uma difusão do conhecimento sobre a diversidade que fundamentam os processos de uso dos espaços, assim como seus contextos históricos, políticos, sociais, econômicos, etc.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**/Marc Argé, tradução de Maria Lúcia Pereira- Campinas, SP; Papyrus, 1994 – (Coleção Travessia do século).

BANDEIRA, Maria de Lourdes. *Antropologia: diversidade e educação*. Cuiabá/MT:UFMT, 1995.

BARROS, José Márcio. **Cultura, diversidade e os desafios do desenvolvimento humano**. In: *Diversidade Cultural da proteção à promoção*. Belo Horizonte/MG. Autêntica Editora, 2008

BELLUZZO, L. Gonzaga. In **Antecedentes da Tormenta: origens da crise global**. São Paulo: Ed. UNESP e Edições FACAMP, 2009.

GOLDMAN, Marcio. **Alteridade e Experiência: Antropologia e Teoria Etnográfica**, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **“Diversidade étnico-racial e a educação brasileira”**. BARROS, José Márcio. *Diversidade Cultural da proteção à promoção*. Belo Horizonte/MG. Autêntica Editora, 2008

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Cultura, recurso para o desenvolvimento**. 2008 Disponível em <http://www.democratizacaocultural.com.br/Conhecimento/Artigos/Paginas/081023_heloisa_hollanda.aspx> Acessado em: 04 de Julho de 2011.

MASSIRONI, Manfredo. **Ver pelo desenho: aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos**. trad. C. de Brito. Lisboa: Edições 70, São Paulo: Martins Fontes, [1982]. 201p.

MARX, K. & ENGELS, F. *Manifesto Comunista*. **Cultura Brasileira**. 1937. Disponível em: <http://www.pstu.org.br/biblioteca/marx_engels_manifesto.pdf> Acessado: 04 de julho de 2011.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cultura/>> Acessado: 25 de Julho de 2021